



The Society for the Protection of Ancient Buildings, 37 Spital Square, London E1 6DY

tel: 020 7377 1644 fax: 020 7247 5296 e-mail: [info@spab.org.uk](mailto:info@spab.org.uk)

Company No. 5743962 Charity No. 111 3753

## *O Manifesto*

[http://www.spab.org.uk/whatis\\_manifesto.html](http://www.spab.org.uk/whatis_manifesto.html)

*O manifesto da SPAB foi redigido por William Morris e pelos seus restantes membros fundadores, em 1877. Apesar de ter sido produzido como resposta aos problemas de conservação do século XIX, o manifesto oferece protecção a “todos os tempos e a todos os estilos” e permanece, até hoje, a base filosófica para o trabalho da Sociedade. Os candidatos a membro da SPAB devem declarar que concordam com os princípios de conservação deste manifesto.*

“Uma sociedade que se apresenta ao público com um nome como o que acima se escreve tem que explicar como, e porque razão, se propõe proteger aqueles edificios antigos que, sem dúvida para a maioria das pessoas, parecem ter tantos e tão excelentes protectores. Esta é, então, a explicação que vimos oferecer.

Sem dúvida que, nos últimos cinquenta anos, despertou um interesse novo, quase como um outro sentido, para com estes antigos monumentos de arte; e eles transformaram-se no objecto de um dos mais interessantes estudos e de um entusiasmo religioso, histórico e artístico que é, sem dúvida nenhuma, uma das conquistas dos nossos tempos; mesmo assim, nós pensamos que, se o seu tratamento continuar a ser o actual, os nossos descendentes vão achá-los inúteis para estudar e desoladores para o entusiasmo. Pensamos que esses últimos cinquenta anos de conhecimento e de atenção fizeram mais pela sua destruição do que os anteriores séculos de revolução, violência e desprezo.

A Architectura, decadente desde há muito, morreu, pelo menos como arte popular, logo que nasceu o conhecimento da arte medieval. Por essa razão, o mundo civilizado do século XIX não tem um estilo próprio, apesar do seu vasto conhecimento dos estilos dos séculos anteriores. Em consequência desta ausência e deste ganho foi crescendo na cabeça dos homens a estranha ideia do Restauro dos edificios antigos; é uma ideia estranha e, ainda mais, fatal, que só pelo seu nome implica que é possível despir-se um edificio desta, daquela e daquela outra parte da sua história – ou seja da sua vida – e, depois, parar-se num qualquer ponto arbitrário, e conseguir-se deixar esse edificio ainda histórico, vivo e, mesmo, igual ao que já tinha sido anteriormente.

Em tempos antigos, era impossível este tipo de pensamento porque faltavam conhecimentos aos construtores ou, talvez, porque o instinto os detivesse. Quando eram necessárias reparações, e se a ambição ou a piedade exigiam alterações, essas alterações eram necessariamente executadas na inconfundível moda desse tempo; uma igreja do século XI podia ser acrescentada ou alterada nos séculos XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII ou, mesmo, XVIII; mas, cada alteração, qualquer que fosse a

história que destruíra, deixava essa história no vazio, e ficava viva com o espírito das realizações feitas através da sua actualização à moda. O resultado de tudo isto era, muitas vezes, um edifício em que as muitas alterações, apesar de bastante agressivas e visíveis, eram interessantes e instrutivas pelo seu forte contraste, não podendo induzir em erro. Mas aqueles que fazem essas alterações nos nossos tempos, sob o nome de Restauro, embora declarem que trazem o edifício de volta aos melhores tempos da sua história, não têm outra orientação que não seja o seu desejo individual de assinalarem aquilo que, para eles, é admirável e merecedor de observação; assim como que a verdadeira natureza da sua tarefa os compele a destruírem uma coisa qualquer e a colmatarem a lacuna pela imaginação do que os antigos construtores podiam ou deviam ter feito. Ainda por cima, no decurso deste dubio processo de destruição e adição, a superfície global do edifício fica necessariamente desfigurada; assim, a aparência de antiguidade é removida de tais partes antigas da fábrica que tinham sobrevivido, e não há forma de se transmitir ao observador a menor pita sobre o que foi perdido; e, em resumo, o resultado final de todo este trabalho perdido é uma falsificação fraca e desprovida de vida. É triste afirmar-se que foram tratados desta forma a maioria dos grandes mosteiros e um vasto número de edifícios mais humildes, quer em Inglaterra, quer no Continente, por homens, frequentemente de talento e merecedores de melhor aproveitamento, mas surdos às queixas da poesia e da história, no mais elevado sentido destas palavras.

Lutamos por aquilo que nos foi deixado junto dos nossos architectos, junto dos guardiões oficiais dos edificios e junto o público em geral, e pedimo-lhes que se lembrem de quanto se perdeu da religião, do pensamento e dos costumes do passado, nunca por consentimento quase universal, para ser Restaurado; e lutamos para que se considere que, embora seja possível Restaurarem-se esses edificios, o espírito vivo de cada um que, muito frequentemente, não pode ser repetido, e que era uma parte inseparável dessa religião, desse pensamento e desses costumes do passado. Pela nossa parte, garantimo-lhes sem receio que, entre todos os Restauros já executados, os piores significaram o despojamento irreflectido de um edificio no que respeita a alguns dos seus mais interessantes elementos materiais; enquanto que os melhores tem a sua analogia exacta no Restauro de uma pintura antiga, onde o trabalho parcialmente desaparecido dos antigos mestres foi tornado visível e regular pela mão enganadora de um tratamento moderno insensível, pouco original e irreflectido. Se, para os restantes, nos pedirem para especificarmos que qualidade ou quantidade de arte, de estilo ou de outro interesse num edificio o faz ser merecedor de protecção, nós respondemos, qualquer um que possa ser encarado como sendo artístico, pitoresco, histórico, antigo ou substancial : qualquer obra, resumidamente, sobre a qual as pessoas educadas e artisticas possam considerar que vale a pena lutarem.

Portanto, são todos esses edificios, de todos os tempos e estilos, que nós defendemos e apelamos a todas as pessoas que lidam com eles para que ponham a Protecção em lugar do Restauro, que evitem a degradação fazendo manutenção diária, que escorem uma parede em perigo ou que remendem um telhado roto com meios tais que sejam obviamente destinados a escorar, ou a remendar, e que evidenciem não pertencerem a outras artes, e que, por outro lado, resistam a todas as interferências destrutivas quer na fábrica, quer na ornamentação do edificio, tal como ele se nos apresenta; se ele se tiver tornado incómodo para a sua utilização actual, deve-se construir outro edificio em vez de se alterar ou aumentar o antigo; tendo como finalidade tratarmos os nossos edificios antigos como sendo monumentos de uma arte desaparecida, criados por costumes desaparecidos que a arte moderna não consegue abordar sem destruir.

Assim, e só assim, conseguiremos evitar o remorso de os nossos conhecimentos se terem transformado na nossa própria armadilha; assim, e só assim, poderemos proteger os nossos edificios antigos e torná-los instrutivos e veneráveis para quem vier depois de nós."